

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Kambiwa 08

Data: 28/09/92

Pg.: \_\_\_\_\_

### JUSTIÇA

#### Direitos básicos são sonho

Os kambiwás têm sonhos. E esses passam pela demarcação de suas terras, educação, saúde e comida na mesa. Pertencentes ao tronco linguístico macro-jê e possivelmente, de acordo com historiadores, remanescentes dos índios Kariri, preservaram sua religião e crenças mesmo com o contato dos brancos. A língua materna é falada entre os mais velhos e as festas são celebradas mesmo que a alegria não seja o tom da dança. Para manter os sonhos vivos é que os kambiwás cantam a Tupã — e a toda a natureza — num mundo místico e difuso, que acreditam ser composto pelos espíritos protetores dos seus antepassados.

Como todo pajé que se preze, Gilberto Aristides da Silva ouve muito e fala pouco quando o tema da conversa são os costumes indígenas. Foge das perguntas, afirmando que a "natureza" não permite que ele repasse informações para "brancos" (a reportagem) — "que são boas pessoas mas chegaram assim, como do nada".

Meia hora de questionamentos, entretanto, fazem com que a "natureza" dê o aval para que o pajé sacie o desejo de conhecimento e ceda à uma conversa amistosa. Preservam além da língua, o toré — dançado em todas as tribos pernambucanas — e mantêm em dia um rito religioso chamado Praia, do qual só os homens participam. A cada três meses, os Kambiwás, independente de idade, seguem para a hoje minguada mata que envolve a tribo.

"A gente se entoca no mato para conversar e pedir conselhos aos espíritos dos nossos. Na mata estamos recebendo saúde e felicidade", justifica o pajé. Gilberto, em seu ofício de visionário, vislumbra dias melhores para os kambiwás. "Somos ramos da terra e sobrevivemos até hoje mesmo com todas as dificuldades. Enquanto estivermos vivos, vamos lutar pela terra e pelos nossos", promete o velho pajé.

**Educação** — Saber ler e escrever — "Para aprender as manhas do branco" — é uma outra conquista que os kambiwás querem ver ao alcance de todos. As escolas de alfabetização instaladas dentro da reserva não vêm cumprindo seu papel. Dessa vez, a falha não é consequência das mazelas que atingiram a Funai, mas sim da própria falta de participação das professoras-índias, responsáveis pela educação das crianças.

"Isso temos que admitir mesmo. As crianças estão sem aulas porque as três professoras kambiwás não estão se esforçando muito", admite o cacique. Os adultos são analfabetos porque, como nas demais tribos, o ensino só vai até a 4ª série do primeiro grau. Quem quiser continuar os estudos deve ter força de vontade redobrada para vencer, por conta própria, as dificuldades financeiras e os buracos da estrada de 27 quilômetros de extensão que separam os kambiwás do município sertanejo de Ibimirim.



Aristides: a gente se entoca no mato para conversar com espíritos